

Artes da Vila, Vila nas Artes¹

Denise Espírito Santo²

Resumo: Esse artigo põe em diálogo algumas experiências históricas que promoveram encontros com arte e clínica, experiências pioneiras que estiveram desde sempre vinculadas aos movimentos da Reforma Psiquiátrica e da Luta Antimanicomial no Brasil e no exterior, nos idos dos anos de 1960/1970. Seguindo os rastros de algumas figuras que ousaram se antagonizar aos métodos agressivos que vigoraram durante todo o século XIX e até bem recentemente, mas que elegeram, em contrapartida, outras dinâmicas relacionadas às expressões culturais criadoras de seus clientes como contraponto à rotina degradante dos hospitais psiquiátricos, o texto traz para o primeiro plano uma experiência com oficinas artísticas em uma unidade de saúde no Rio de Janeiro, trabalho esse que vem, desde 2015, construindo uma interface entre arte, saúde, cuidados coletivos e educação.

Em que pese o debate cada vez mais urgente sobre a formação e as diretrizes que regem os currículos dos profissionais da área de saúde, em especial, os médicos, a perspectiva interdisciplinar com o campo das artes, o diálogo com a sociedade, a criação dos dispositivos clínicos com as portas abertas, ajudam a repensar os espaços asilares, sendo esse o próprio hospital psiquiátrico, mas também outros centros de atendimento e reabilitação. Essas abordagens, identificadas como “integrativas” e “humanizadoras”, visam reabilitar as instituições libertando-as, na medida em que o interesse público assim o deseje, da indiferenciação dos corpos e das abordagens clínicas que vigoraram no chamado “século dos manicômios”.

Somos tributários das notáveis experiências dos ateliês de artes nas primeiras décadas do século XX na Colônia do Juqueri, em São Paulo, sob a sensível atuação do psiquiatra e crítico de artes Osório Cesar, mas também do trabalho com os clientes do Hospital do Engenho de Dentro e a criação do Museu de Imagens do Inconsciente, no Rio de Janeiro, pelas mãos da psiquiatra Nise da Silveira. Essas iniciativas, que influenciaram a criação de um sistema de saúde mental no Brasil, contribuíram para a criação de políticas públicas únicas no mundo até bem recentemente, pavimentando muitas e diversas experiências em arte e clínica aos quais nos inspiramos para construir o trabalho que vem sendo realizado no projeto Casa Ateliê: um recanto de cuidados em saúde mental em pleno bairro boêmio de Vila Isabel; neste espaço, uma nova pesquisa com

1 Colaboraram para a escrita desse artigo os relatos de duas orientandas vinculadas ao projeto Casa Ateliê, Mariana Pêgas e Paula Sophia.

2 Denise Espírito Santo é professora associada do Instituto de Artes da UERJ e do Programa de Pós-graduação em Artes, PPGArtes/UERJ. Integra o coletivo Dançantes, formado por seis artistas mulheres e pesquisadoras das artes da cena de distintas instituições/cidades como Rio de Janeiro (UERJ), Campinas (Unicamp), Londrina (UEL), Petrópolis e São Paulo. Vinculada ao departamento de ensino da arte e cultura popular, coordena desde 2018 o projeto “Casa Ateliê”, na Vila da Psiquiatria, vinculada ao HUPE - Hospital Universitário Pedro Ernesto. Integra o projeto “Geopoéticas e novas epistemes”, programa de internacionalização do PPGArtes e vem desenvolvendo parcerias e intercâmbios com universidades latino-americanas, como UNAM (México) e Universidad Nacional de Colombia; coordenadora dos projetos “Zonas de Contato”, com artistas e coletivos do estado do Rio de Janeiro. Vínculo Institucional - Instituto de Artes da UERJ Cargo - professora e pesquisadora Endereço - Rua São Francisco Xavier, 524 11. andar Bloco E E-Mail deniseespirito@gmail.com Orcid - <https://orcid.org/0000-0003-2146-5635> Lattes Id <https://lattes.cnpq.br/5653535024578200> Cidade e País Rio de Janeiro, Brasil

arte em unidades de saúde tem possibilitado criar abordagens senão originais, mas fundamentadas em experiências que acreditamos possuir grande relevância para os fazeres artísticos e suas partilhas em uma época marcada por adoecimentos físicos, mentais que acometem não só os usuários desses serviços, mas toda uma comunidade de profissionais, estudantes, colaboradores, que se intensificaram após a pandemia pela Covid-19.

Village Arts, Arts Village

Abstract: This article puts into dialogue some historical experiences that promoted encounters with art and clinic, pioneering experiences that have always been linked to the Psychiatric Reform and Anti-Asylum Movement movements in Brazil and abroad, in the 1960s/1970s. Following in the footsteps of some figures who dared to antagonize the aggressive methods that prevailed throughout the 19th century and until very recently, but who chose, on the other hand, other dynamics related to the creative cultural expressions of their clients, as a counterpoint to the degrading routine of hospitals psychiatric, the text brings to the foreground an experience with artistic workshops in a health unit in Rio de Janeiro, work that has, since 2015, been building an interface between art, health, collective care and education.

Despite the increasingly urgent debate on the training and guidelines that govern the curricula of health professionals, especially doctors, the interdisciplinary perspective with the field of arts, dialogue with society, the creation of clinical devices with open doors help to rethink asylum spaces, including the psychiatric hospital itself, but also other care and rehabilitation centers. These approaches, identified as “integrative” and “humanizing”, aim to rehabilitate institutions by freeing them, to the extent that the public interest so desires, from the lack of differentiation of bodies and clinical approaches that prevailed in the so-called “century of asylums”.

We are tributaries of the remarkable experiences of art studios in the first decades of the 20th century in Colônia Juqueri, in São Paulo, under the sensitive work of the psychiatrist and arts critic Osório Cesar, but also of the work with clients at the Hospital Engenho de Dentro and the creation of the Museum of Images of the Unconscious, in Rio de Janeiro, by the hands of psychiatrist Nise da Silveira. These initiatives, which influenced the creation of a mental health system in Brazil, contributed to the creation of unique public policies in the world until very recently, paving the way for many diverse experiences in art and clinical practice that inspired us to build the work that has been carried out in the Casa Ateliê project: a mental health care corner in the bohemian neighborhood of Vila Isabel; In this space, new research with art in health units has made it possible to create approaches that are not original, but based on experiences that we believe have great relevance for artistic practices and their sharing in a time marked by physical and mental illnesses that affect not only users of these services, but an entire community of professionals, students, collaborators, which intensified after the Covid-19 pandemic.

*Quando o apito,
da fábrica de tecidos
vem ferir os meus ouvidos
eu me lembro de você...*

Noel Rosa, Três Apitos

Figura 1

Peça em argila produzida no Ateliê de Artes por usuário do serviço de Saúde Mental^A



A chegada é sempre pontuada por uma soma de euforia e de expectativas em relação ao dia. Sob a sombra de uma amendoeira gigante nos sentamos trazendo os instrumentos para a realização do nosso encontro semanal: violões, tambores, estante para as partituras e uma pasta contendo as canções que serão incorporadas ao repertório das/os cantores/as da oficina de canto e musicalização “Palco Aberto”. Nos dias em que o sol abrasante e o calor nos impede de ocuparmos o pequeno tablado construído no final da vila, escolhemos permanecer no refeitório, lugar mais fresco, entre cheiros, sons de panela e a movimentação intensa das profissionais que ali trabalham, em geral, funcionárias que preparam as refeições que serão servidas no hospital para os que se encontram internados. Os sons dos acordes do violão, mais as vozes reunidas naquele coral improvisado preenchem melódica e afetivamente aquele espaço. E assim começa nosso dia e o encontro com a música na Vila da Psiquiatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto, da UERJ – um espaço que trata de pessoas em diferentes graus de adoecimento psíquico – algumas em situação asilar e

outras que mesmo de alta, continuam a frequentar o espaço ambulatorial dando continuidade ao seu tratamento, participando das oficinas ali oferecidas. É neste espaço que construímos cotidianamente um ateliê de artes, agregando pacientes e estudantes que vez em quando nos visitam, além de toda uma equipe de profissionais da área da saúde vinculada ao hospital. O ateliê realiza semanalmente oficinas de cerâmica e modelagem; eventualmente, também se dedica a um trabalho com imagem técnica – a fotografia e o vídeo, além das linguagens do desenho e da pintura. Entretanto, aqui iremos nos concentrar nas oficinas de canto coletivo que atenuam as condições de sofrimento psíquico de pacientes e usuários que ali se encontram. Mas, para adentrarmos neste debate que integra arte em ambientes hospitalares, cumpre apresentar, mesmo que brevemente, esse projeto que já soma quase oito anos, que objetiva construir interfaces entre a arte e a clínica, sem perder de vista o legado de muitas iniciativas pioneiras no Brasil na área da saúde mental.

Não é fácil afirmar que as oficinas desenvolvidas no ateliê da Vila da Psiquiatria (projeto Casa Ateliê) tenham alcançado lugar privilegiado para uma interlocução mais horizontal com o setor “duro” do hospital – os médicos, que trabalham e conduzem suas abordagens terapêuticas dentro de uma linha bastante convencional, e por vezes até indiferentes aos “efeitos” regenerativos que um trabalho com arte efetivamente realiza em espaços de saúde mental. Tendo como horizonte conceitual e procedimental os inúmeros projetos de arte em hospitais psiquiátricos e nos espaços de saúde de um modo geral, cumpre-nos dizer que a despeito dessa história no Brasil ter importância histórica e pioneirismo, bastando para isso apenas apontar a importância de figuras como Nise da Silveira, no Rio de Janeiro e Osório Cesar, em São Paulo, as linhas de convergência entre arte, saúde, políticas públicas, formação acadêmico-científicas ainda são bastante complexas, resultando muitas vezes em afastamentos estratégicos que dissimulam o receio das ciências médicas em valorar iniciativas que escapam da sua racionalidade, daí o nosso interesse neste artigo em focar neste debate sobre práticas artísticas no ambiente da saúde e apresentar alguns “benefícios resultantes” dessas parcerias entre profissionais das áreas da saúde e das artes.

A Vila da Psiquiatria está localizada dentro do Hospital Universitário Pedro Ernesto, da UERJ, no bairro de Vila Isabel e, curiosamente, integra uma das últimas vilas operárias deste bairro que junto a outros bairros adjacentes como Tijuca e Andaraí, acabariam por configurar os primeiros núcle-

os populacionais de classe operária e média suburbana. Numa época em que o Rio de Janeiro se expandia para os bairros mais afastados do centro, constituídos pelas chácaras que eram habitadas por uma classe social mais abastada, as vilas operárias que passaram a crescer nas primeiras décadas do século XX, representaram novos núcleos populacionais da cidade. As paisagens, os cheiros, uma vida que começava gradativamente a recolher os ecos ruidosos da metrópole em crescimento, muitas vezes serviram de inspiração para alguns dos mais belos versos do cancionero popular, em especial, pela obra do mais famoso compositor do bairro de Vila Isabel, Noel Rosa.

A vila da psiquiatria é composta por oito casas onde funcionam as enfermarias e um ateliê, que foi inaugurado em 2015, com a conquista de

Figura 2

Peça em argila produzida no Ateliê de Artes por usuário do serviço de Saúde Mental



um edital FAPERJ³. Inicialmente projetado para ser um ateliê de cerâmica, as oficinas foram agrupadas em modelagem, queima e pintura das peças produzidas; posteriormente passamos a desenvolver um trabalho com a fotografia, as técnicas do desenho e, mais recentemente, com o canto e a composição musical, resumidamente são essas as oficinas oferecidas semanalmente que tratamos aqui.

Em meados de 2018, o Casa Ateliê começou a se expandir para outras unidades de saúde do HUPE, e o espaço onde fomos ancorar era agora voltado para o público infanto-juvenil. Neste novo ciclo do trabalho com as oficinas artísticas, chegamos ao NESA – Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente, e lá passamos a desenvolver uma metodologia mais voltada para as competências narrativas, para o desenvolvimento das habilidades motoras e psicomotoras, para o fortalecimento das cadeias imaginativas; esses tópicos se tornaram o eixo do trabalho desenvolvido com as crianças/adolescentes. O NESA tem nos propiciado uma interlocução mais consistente com a equipe multidisciplinar responsável pelo espaço, formada por médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, nutricionistas, enfermeiros dentre outros.

Pode-se dizer que ao longo desses sete anos de existência, essas experiências com arte nos espaços de saúde do HUPE nos permitiram mergulhar em nossas próprias redes de contato, mas também nos instrumentalizaram na direção das questões éticas, estéticas, pedagógicas, que redundam num trabalho com arte na saúde, além de formular premissas e abordagens metodológicas que têm subsidiado o nosso trabalho e permitido olhar para outras iniciativas semelhantes e mais contemporâneas em diferentes cantos do país.

Eleger algumas metas, pensar uma circulação maior das ações do projeto e dos resultados alcançados ao longo desse período tem sido determi-

3 O projeto de adaptação de uma das casas da vila para abrigar um ateliê de cerâmica e outras linguagens artísticas, representa uma primeira parceria entre o Instituto de Artes da UERJ e a Unidade Docente de Atendimento Psiquiátrico. Neste empreendimento estiveram envolvidos diretores, professores, estudantes do programa de pós-graduação, médicos residentes e terapeuta ocupacional, sendo alguns desses profissionais: os professores Aldo Victorio, Denise Espírito Santo, Paulo Roberto Pavão, a estudante de doutorado Mariana Novaes, a terapeuta ocupacional Aida Dutra e o residente de medicina Felipe Feldman.

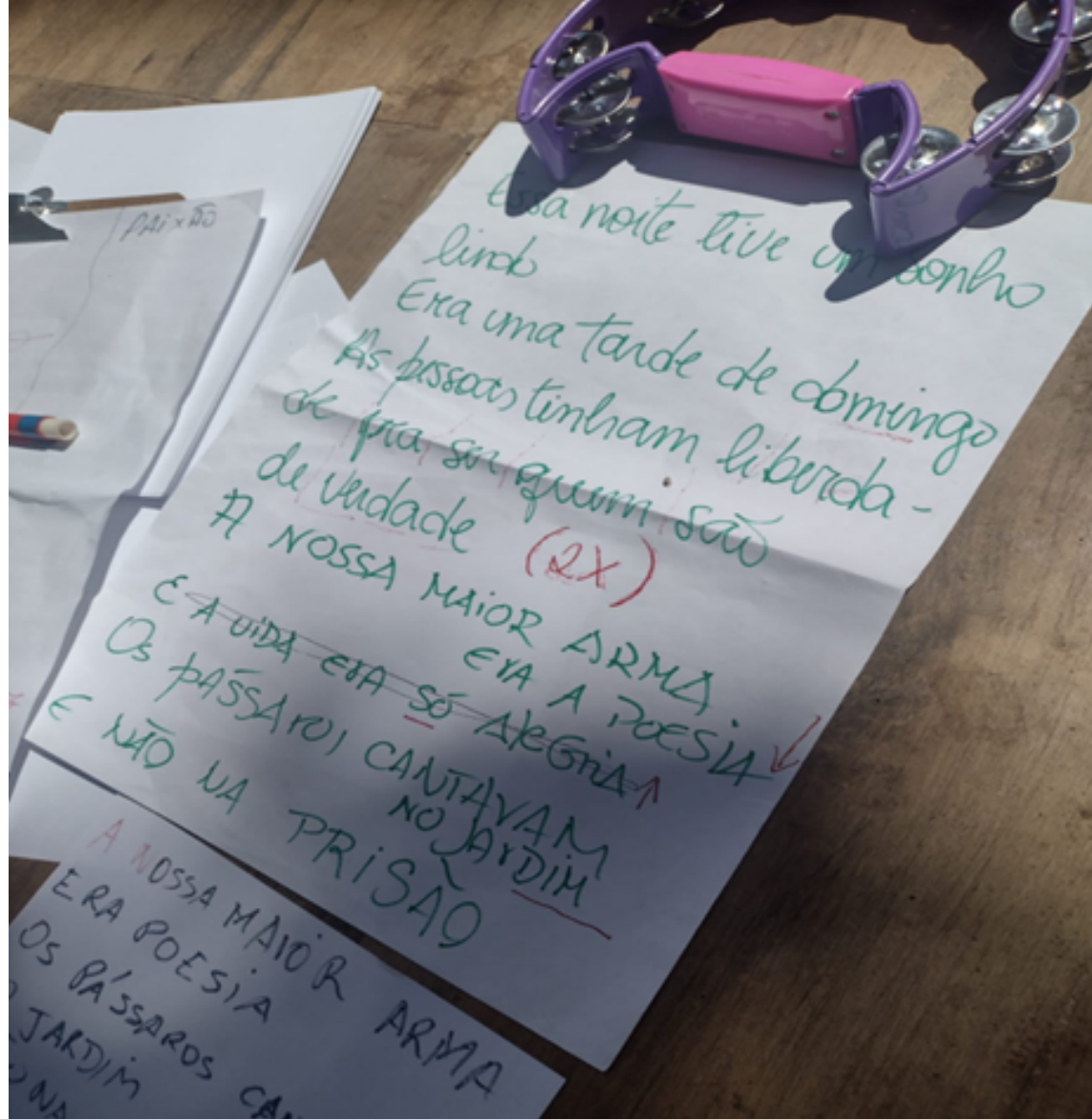
nantes para o redirecionamento das oficinas artísticas e a formação dos estudantes envolvidos (bolsistas na maioria dos casos). Isso se reflete no investimento em publicações e participações em eventos científicos, produção de peças audiovisuais para as redes sociais – o caso da webserie “Livros Encantados”, projeto criado durante a pandemia da Covid-19 em 2020, a participação em eventos e mesas redondas nos redutos dos profissionais da saúde⁴. Contudo, importante destacar que em boa parte dessas ações o protagonismo é sempre dos bolsistas do projeto Casa Ateliê⁵.

Embora se possa depreender dessa narrativa inicial aspectos muito positivos no sentido da experiência com arte em ambientes de saúde, alguns obstáculos para o pleno florescimento deste trabalho prosseguem, a dizer, o preconceito com que a classe médica – fazendo uma afirmação genérica e, portanto, de risco, manifesta em relação aos resultados terapêuticos, clínicos, de desinstitucionalização e ressocialização junto às pessoas que são acolhidas nos ambientes de saúde mental. Isso tem sido nosso grande desafio para com uma mentalidade endógena, colocando em escalas e estratos muito desiguais o trabalho realizado por médicos, terapeutas, psicólogos/as, enfermeiras/os, assistente sociais, técnicos de enfermagem e outros profissionais da saúde que dão suporte e são indispensáveis para o funcionamento destes espaços. O desafio se dá, sobretudo, porque lutamos para fazer desta articulação entre arte, saúde, cuidados coletivos e educação um campo que venha produzir e fomentar novos pares de conhecimento interseccionando todas essas áreas.

4 Recentemente (2022) participei de uma live no projeto “Humanidades na Saúde”, organizado pelo Hospital Samaritano e o coletivo de médicos e profissionais da saúde ligados ao Prof. Ricardo Cruz.

5 Por ordem de chegada no projeto Casa Ateliê, desde 2015, poderíamos destacar os seguintes ex-bolsistas: Rodney Wilbert, Candida Bessa, Thamires Burlandy, Adriana Rolin, Antonilde Rosa Pires, Rafael Meire, Gabriel Saar; os bolsistas atuais: Cintia Ferreira, Paula Sophia, Douglas Amorim, Igor Nascimento.

Figura 3
Fragmento de uma
canção composta
durante as oficinas de
canto e musicalização
do HUPE.



Corpo – subjetividades – polinizações entre arte e clínica

Otávio⁶ é um antigo cliente da vila e possui interações recorrentes. Eu o conheci no ateliê de Artes (Casa Ateliê), na oficina de cerâmica e sempre acompanhado de um facilitador. Otávio chega normalmente com sua mochila, senta-se à parte do grupo que se encontra na grande mesa e começa a pintar freneticamente com os materiais fornecidos pelo facilitador. Utiliza-se normalmente de giz de cera e à medida que sua produção vai avançando, a escala do papel de desenho (folhas Canson) vai aumentando também. Pinta cerca de 20 a 30 trabalhos nas poucas horas em que nos faz companhia no ateliê. Do mesmo modo que chegou, calado, sem interagir com ninguém, vai-se embora. Noto que sua pintura, a princípio feita de largas pinceladas, nervosas, expressivas, como se ele precisasse congelar o fluxo de imagens que lhe chegam à mente, vai ganhando cores e texturas com o tempo. Um cuidado maior com a composição é notado. São pinturas abstratas, gestuais, parecem oferecer algumas

6 Os nomes são fictícios de modo a resguardar a identidade das pessoas aqui mencionadas.

pistas sobre como acontece o adensamento plástico de sua linguagem. Foram as cores que me trouxeram essa informação, quando folheava seus trabalhos deixados sobre a mesa após a oficina. Passado algum tempo sem incorrer em novas interações, Otávio retorna ao ateliê, mas neste dia ele entra no pequeno refeitório onde nos reunimos para a oficina matinal de canto e musicalização, com um semblante diferente; não traz aquela expressão mais crispada, chega até a sorrir para mim perguntando se poderá participar da oficina. O recebemos também com um largo sorriso e depois de algum tempo calado, ele pede pra falar. Eu nunca havia escutado a sua voz, cheguei a supor que se tratasse de uma pessoa com grau avançado de autismo, mas ele fala emocionado sobre a importância da vila em sua vida, direciona sua fala emocionada à coordenadora do espaço, que acompanha suas recorrentes interações. É emocionante seu relato, custo a acreditar que se trata da mesma pessoa que conheci muda, apartada de qualquer sociabilidade dentro do ateliê. O que aconteceu? Que mistério é esse que ronda os sujeitos em contato com a clausura de seus pensamentos e emoções? Em que medida suas pinturas lhe abriram novas janelas de contato e percepção para com o mundo; podemos atribuir essas janelas às cores que ganharam vida em seus trabalhos? Isto nos comove!

Nos anos de 1960 uma iniciativa sui-generis de acolhimento e cuidados voltada para crianças com diagnóstico de esquizofrenia, autismo grave⁷, paralisia cerebral, ocorreu nos arredores de Paris, em Cèvenne, dando origem ao Espaço Redes pelas mãos do escritor e pedagogo Fernand Deligny⁸. Tateando outras abordagens clínicas, mais abertas às cotidianidades e repletas de proposições mais orgânicas, para fora da linguagem clínica e/ou psicanalítica propriamente, Deligny ajudou a estabelecer um novo paradigma conceitual para os cuidados em saúde mental. Partindo do conceito de “redes” e utilizando-se de abordagens cartográficas, esse trabalho teve profundo impacto nos desdobramentos da clínica de natureza esquizoanalítica e nos movimentos pela Reforma Psiquiátrica e a Luta Antimanicomial, além de ter inspirado a dupla de filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari na elaboração do conceito de rizoma. O que consiste de novo no trabalho de Deligny? O quanto essas práticas de cuidado, inspiradas em perspectivas “multifacéticas”, ao mesmo tempo políticas, estéticas e clínicas, acabaram por contribuir para outras formas de “reinvenção das coordenadas de enunciação da vida”? Em linhas gerais, a abordagem

7 Nesta época algumas terminologias como a que usamos mais recentemente sobre o “espectro” ainda não eram largamente utilizadas.

8 Fernand Deligny, nascido em 7 novembro de 1913 em Bergues e falecido em 18 de setembro de 1996 em Monoblet, foi um educador francês e uma das maiores referências na educação especial. Opunha-se ao cuidado asilar de crianças “difíceis” ou “delinquentes” e de crianças autistas.

clínica de Deligny se ancora em uma pré-disposição para o vagar e as cartografias que inserem esses sujeitos “anormais” em algumas ilhas: imaginárias, simbólicas:

“... desde os primeiros mapas traçados, fica claro que a rede aracniana das linhas de errância não ultrapassa um anel, isto é, se traçarmos um traço totalmente imaginário de ligação entre todas as pontas mais alargadas do que seria o centro da área de estar, esse traço terá, grosso modo, a forma de um ovo”. (DELIGNY, 2015, p. 40)

São também mapas imaginários e afetivos os trajetos que traçamos entre a arte e os espaços de saúde, quando nos dedicamos ao trabalho com as oficinas artísticas no Casa Ateliê. Assim, entendemos o vínculo desse nosso trabalho mais ligado às linhas de errância conceituais, filosóficas, estéticas e políticas que foram desenvolvidas em “Cèvenne” e, simultaneamente, em algumas outras abordagens somáticas e artísticas do mesmo período, como aquelas postas em ação pelo trabalho de Lygia Clark nas suas experimentações com o corpo e os objetos relacionais⁹. Neste sentido, aqui seria preciso traçar algumas distinções entre as abordagens psicanalíticas e de interpretação das imagens do inconsciente que ocorreram nos ateliês de pintura no Engenho de Dentro, através de Nise da Silveira, com outras abordagens “esquizocênicas” e erráticas que fundam uma relação à distância, não somente com a própria psicanálise, mas também com a hermenêutica dos cuidados em saúde mental.

“Era uma vez uma rede – que foi meu modo de ser por alguns anos – enxertada numa rede muito mais vasta e difusa, sob a insígnia dos albergues da juventude. A rede da qual eu era aranha, junto com outros, acolhia adolescentes mais ou menos gravemente “psicóticos” e delinquentes reincidentes... embora “minha” rede fosse ao ar livre, havia psiquiatras e, a certa distância, juízes”. (DELIGNY 2015, p. 31)

9 Uma obra mais recente que atualiza e recoloca em pauta o trabalho dilacerantemente orgânico de Lygia Clark com os objetos relacionais, suas notáveis contribuições para esse encontro arte e clínica, seria: WANDERLEY, Lula. No silêncio que as palavras guardam. SP: N-1, 2021. Sem esquecermos das valiosas contribuições de Suely Rolnik para traduzir em planos mais atuais essa construção dos objetos relacionais.

A era do capitalismo cognitivo e de um certo capital improdutivo tem sido vista, desde as célebres críticas de Deleuze e Guattari ao funcionamento do sistema-mundo atual, como o dispositivo que “comanda” e “aciona” os roteiros de adoecimento psíquico; daí ser muito frequente as associações entre capitalismo e esquizofrenia quando vemos a intensificação dos estágios de “desligamentos”, “atomização” que descrevem a vida e as formações subjetivas em nossa época. Peter Pál Pelbart nos ensina que hoje o capital penetrou a vida numa escala nunca vista, vampirizando-a de tal modo que a “própria vida virou com isso um capital”. O que depreendemos disto tudo? Ao olharmos para as/os sujeitos com quem trocamos em nossas atividades semanais dentro das oficinas artísticas, observamos o quanto os diversos tipos de adoecimentos, físicos, psíquicos são tributários diretos de uma vida assolada pelos ditames de um sistema mundo mercado. Deste modo, as maneiras de ver, de sentir, de pensar, de perceber, de morar, de vestir-se tornaram-se um vetor de valorização, e aqueles que por diversos motivos, sejam os referendados pela exclusão econômica, pelas violências estruturais do racismo e de gênero¹⁰, das violações constituídas em nossa sociedade com relação às corpos femininas e dissidentes, do estigma da loucura, vêem-se crescentemente à margem, com dificuldades para a tal construção de autonomias, que vem a ser um dos pilares do trabalho terapêutico.

Lula Wanderley, artista e um dos psiquiatras mais inventivos que traduziu para as alas de um hospital psiquiátrico público, isto é, o Hospital do Engenho de Dentro, as proposições levadas a termo pelos trabalhos de Lygia Clark, soprou-nos uma nova forma de se pensar a presença dos processos criativos e culturais no ambiente da saúde, postulando um caminho clínico-poético para o seu trabalho. Seu desafio, assim comenta Kaira Cabañas, prefaciadora da obra já mencionada acima: “seu desafio se refere não somente às convenções da arte, mas também às normas que definem quem é e quem não é um sujeito, quem é considerado são ou insano e

10 A título de comentário mais genérico e a partir das nossas vivências nos últimos 5-6 anos na Vila da Psiquiatria da UERJ, o adoecimento psíquico de mulheres em diferentes faixas etárias, classe social, raça, aponta para histórias de vida marcadas por violências sexistas, raciais e de gênero, que acendem muitos sinais de alerta, um deles em especial, coincide com uma pandemia que muito antes da pandemia pela Covid-19, já vinha matando as mulheres brasileiras e latinoamericanas, falamos dos crimes de feminicídio que confere ao Brasil uma das mais altas taxas de mortalidade no mundo; essas violências e violações contra as corpos femininas representam “gatilhos” reincidentes nos processos de adoecimento psíquico.

quem se beneficia desse exercício de expressão criadora que é comum a todos.” (CABANÃS, 2021)

“Aprendi no Espaço Aberto ao Tempo que a construção da autonomia de uma pessoa em grave sofrimento psíquico... passa pela reconstrução de diversas autonomias que, na verdade, são indissociáveis. A duas delas me interessa estar atento: a construção da autonomia social e a construção da autonomia diante do sofrimento... Quando me oponho ao recolhimento de pessoas em hospitais durante uma crise é para poder construir, trabalhando sem a pressa de suprimir seus sintomas, formas de comunicação a partir da expressão de seu sofrimento. Isso favorece a construção dos mecanismos com que elas vão se defender criativamente da próxima crise.” p. 25

Se para Pelbart o pressuposto de que “a subjetividade está no coração da produção capitalística” e de que “a própria subjetividade tornou-se ‘o’ capital”, a institucionalização do sofrimento psíquico poderia ser combatida com a vida, ou seja, com a possibilidade da vida responder, com a sua política de resistir e criar, de produzir e fazer variar várias formas de vida à própria intermitência dos sofrimentos causados pelo capital. É isso que vemos demonstrar no engajamento orgânico dos “clientes” com o canto, pois quando a voz se desprende de um corpo que se vê e se sente aprisionado, ela preenche o espaço, mobiliza o corpo, sua respiração, altera energeticamente todo o espaço,

“O trabalho parte de uma prática de percepção do corpo como um instrumento que pulsa, que está em constante movimento, que vibra, respira, produz sons e interage com outros corpos, objetos e ambientes. Dentro dessa dinâmica, a música e o canto são extensões do que o próprio corpo experimenta diariamente, mas que agora é conduzido a se auto perceber. É um convite a ouvir o próprio corpo e outros corpos que compartilham de uma mesma experiência. O objetivo não é formar cantores, instrumentistas, tampouco servir de recreação, mas trazer à tona possibilidades de expressão artística.” (ESPÍRITO SANTO, COSTA, SOPHIA, 2023)

Por estarmos com as nossas vozes, nossos corpos dentro de um ambiente restritivo, a contaminação do canto e junto a esse, do repertório interativo e popular, se expande, ultrapassa as paredes, invade, preenche espaços e convida todas/os a interagir, ainda que de longe. A ausência se torna presença ecoando nas casas da vila e nos corpos que logo respondem aos estímulos, seja cantando seja se movimentando. Nessa experimentação, os participantes são conduzidos à preparação com aquecimento vocal, exercício de respiração e um breve alongamento, seguido do exercício prático

de escuta e interpretação de canções sugeridas pelos próprios participantes. Cada um recebe um impresso com a letra da canção para que possam acompanhar. Questões sobre ritmo, compasso, melodia, harmonia, prolongamento de notas, rimas, pontos fortes da música, entre outros, são abordados de maneira dinâmica e lúdica a título de percepção musical sem a pretensão de ensino formal. A prática de conjunto promove uma interação mútua com a integração de todas as vozes em um coral, além de exercitar a escuta ao próximo a fim de que sejam mantidos o ritmo, a melodia e a harmonia. Além de conceber a voz como um instrumento que se ajusta às outras vozes, promovemos a interação com instrumentos, tais como: pandeiro, chocalho, violão, maraca e agogô, que servem de acompanhamento das canções, mas também como objeto experimental de exploração, promovendo o reconhecimento daqueles instrumentos e das possibilidades de extrair sons deles. Quebrado um natural estranhamento inicial, os participantes se servem dos instrumentos de forma espontânea.

Assim acontece esse trabalho no Casa Ateliê com as oficinas de arte; um trabalho que insiste em valorar o amplo espectro dos cuidados, construindo linhas comunicantes e sobretudo de anteparo e/ou estratégias de enfrentamento para um sistema mundo que nos vampiriza, interseccionando arte, estética, ética, cuidados para que assim como a chegada seja sempre pontuada por uma soma de euforia e de expectativas em relação ao dia, a saída e consequentemente, o nosso retorno à casa e aos muitos afazeres cotidianos, possua o dom de prolongamento desse bem-estar, sensação que nem sempre acessamos quando nos vemos nos circuitos “mais outorgados” e autorizados do(s) sistema(s) arte.

A Atendendo ao código de ética da instituição não será possível identificar nominalmente as pessoas que produziram as peças no Casa Ateliê; quando se tratar de relatos evocados durante as vivências nestas unidades de saúde, traremos nomes fictício visando proteger as/os sujeitos aqui mencionados.

Referências

AMARANTE, Paulo (org.). *Psiquiatria social e Reforma Psiquiátrica*. RJ: Ed. Fiocruz, 1994, 5a reimpressão

DELIGNY, Fernand. *O aracniano e outros textos*. SP: N-1, 2015

ESPIRITO-SANTO, Denise. *Poemas de Qorpo-Santo*. RJ: Contra Capa, 2000

----- . *Miscelânea Curiosa*. RJ: Casa da Palavra, 2003

----- . *Infinita loucura: ensaio sobre Lima Barreto, Qorpo-Santo e Foucault*. In: Walter Melo e Ademir Pacelli Ferreira. *A sabedoria que a gente não sabe*. RJ: Espaço Artaud, 2011

ESPÍRITO-SANTO, COSTA, SOPHIA. Denise, Mariana Pêgas, Paula de Vasconcellos. *Oficinas artísticas como práticas de cuidado em saúde mental*. In: VICTORIO, DE PAULA, Aldo Victorio, Nathan Braga Motta. *Vértices e vertigens: arte e formação humana*. RJ: DP et Alii/Faperj, 2023

MBEMBE, Achille. *Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. SP: N-1, 2018

PELBART, Peter Pál. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. SP: Iluminuras, 2018 (2a reimpressão)

WANDERLEY, Lula. *No silêncio que as palavras guardam*. SP: N-1, 2021

link: www.casaatelierj.com

Recebido em 30 de junho de 2023 e aceito em 1º de setembro de 2023

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons.

